

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

RENATA CAROLINA CASAGRANDE

AS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA NAS LETRAS DE RAP

Campinas

2014

RENATA CAROLINA CASAGRANDE

AS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA NAS LETRAS DE RAP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Campinas como
exigência para a obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Luiza Bustamante
Smolka

Campinas

2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C261c Casagrande, Renata Carolina, 1988-
As concepções de infância nas letras de Rap / Renata
Carolina Casagrande. – Campinas, SP: [s.n.], 2014.

Orientador: Ana Luiza Bustamante Smolka.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Infância. 2. Rap (Musica). 3. Produção cultural. I.
Smolka, Ana Luiza Bustamante, 1948-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.

15-004-BFE

RENATA CAROLINA CASAGRANDE

AS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA NAS LETRAS DE RAP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Campinas com
exigência para a obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Luiza Bustamante
Smolka

Campinas, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ana Luiza Bustamante Smolka
(Orientadora)

Dr^a Débora Dainêz
(2^a leitora)

AGRADECIMENTOS

Depois de cinco anos de graduação a lista de agradecimento por todos que me ajudaram a chegar até aqui seria muito grande, então farei o esforço de sintetizar como uma tentativa de agradecer do fundo do coração todas as pessoas que me fizeram mais fortes para terminar o curso e concluir este trabalho.

Primeiramente, agradeço ao meu companheiro, amigo e amor Caue Pastrello por todo apoio, segurança, carinho, amor e confiança que me ofereceu todos esses anos e que me faz ter ainda mais certeza que valeu muito a pena toda nossa batalha cotidiana! Meus pais Regina e Wilson, por tudo que fizeram por mim a vida toda e principalmente, ainda que de longe, por acreditarem comigo no meu sonho e ajudarem a realizá-lo. Meus irmãos amados: Rodrigo, Fernanda, João e Julia, aqueles que me fizeram sorrir e chorar de saudades, mas que em todas as “voltas” me cobriam de amor e carinho! Meu “Hermano”, minha metade: Willian Casagrande, por toda uma vida de amizade, companheirismo e cumplicidade. À vocês todo o amor do mundo!

No caminho da minha vida fui contemplada por outra família maravilhosa, que me adotou e que são minha fortaleza! Dulcilene, minha sogra e segunda mãe e Antonio sogro e segundo pai obrigada por me amparem e motivarem seguir com força e dignidade. Meu cunhado/irmão Thau por todas as noites em claro, pensando e falando sobre a vida e os abraços de irmandade que acalentaram todas as dores. À vocês todo meu carinho, amor e infinita gratidão!

Aos meus avós Isabel e Manoel e tios queridos, em especial Tio Marcio, Tia Pati e Tia Néia, que muito me apoiaram e acreditaram em mim, me oferecendo um porto seguro e me fortalecendo a cada dia, cada conselho e troca de experiências. Vocês são imprescindíveis na minha vida! Aos “Pastrellos” e “Casagrandes” por todos os momentos que me fizeram sorrir, me divertir e que se não fossem estes momentos tudo pareceria mais difícil!

Nesses longos anos tudo ficou mais interessante e agradável e isso eu devo a vocês amigas pedagogas (010), em especial minhas melhores amigas Marina e Cecília, obrigada minhas queridas por tudo que representaram para mim todos esses anos.

Minha relação com o objeto deste trabalho começou a partir de uma conversa com uma pessoa que eu não poderia deixar de agradecer aqui, Nathalia Toledo, amiga de muitas lutas e que dividiu comigo não somente reflexões sobre a infância e o rap, mas também ideias sobre a vida e a educação! À minha querida amiga Mariana Assis, pela paciência em falar comigo sobre o rap e por sempre contribuir com boas conversas quando estamos juntas.

Aos meus orientadores e colaboradores para as reflexões deste trabalho do grupo GPPL da Faculdade de Educação da Unicamp, em especial à Professora Ana Smolka, à Débora e ao querido Carlinhos por toda paciência e ajuda para que eu concluísse este trabalho com sucesso.

Ao Rap Nacional e tudo que esses rapper e grupos fazem por toda “molecada” das periferias do país e por alimentarem minha vontade de lutar por um

mundo melhor, valorizando aquilo que o sistema não valoriza! À vocês toda minha admiração e respeito!

Enfim a todos que direta ou indiretamente estiveram presentes nesses anos de formação e em especial na elaboração deste trabalho, fica a minha eterna gratidão.

*“Começamos nos guetos das grandes capitais
Movimento dos pretos e de seus ideais
Somos filhos de Ketu, somos originais
Hip hop é feito com tempero de paz
Dançamos por aí, grafitamos murais
Lá eles têm Jay-Z, aqui tem Racionais
Pode ser Mc, se não for tanto faz
O importante é sentir
Que o Hip Hop é foda!”*

(Rael da Rima)

RESUMO

Nas décadas de 80 e 90 surgiu nos Estados Unidos um movimento que invadiu as periferias do país e se espalhou pelas periferias de todo o mundo, principalmente no Brasil. Em São Paulo o movimento Hip Hop ganhou força como voz de uma juventude marginalizada e que através do dele denuncia as injustiças sociais que vivem. Dos quatro elementos que compõe o Hip Hop (rap, break, graffite e DJ) o RAP se destaca no Brasil. Aqui o acrônimo RAP-"Rithm and Poetry" ganhou um novo significado: Revolução através das Palavras. Nesse sentido, o RAP se consagrou, principalmente, em São Paulo como um importante canal de protesto e voz da juventude das periferias da cidade. Dentre as muitas questões que o RAP trata em seus versos, percebi que a infância é uma delas, sendo ela tratada, na maioria das vezes, de maneira muito idealizada. Sendo assim, vi que estes versos carregavam consigo uma concepção de infância. Neste sentido, o presente trabalho busca identificar como se formou a história da concepção da infância, ressaltando a infância brasileira para então relacionar com as perspectivas da infância descritas nas letras de rap.

Palvras-chave: 1. Infância 2. Rap (música) 3. Produção Cultural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - UMA HISTÓRIA DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA.....	17
1.1 - Uma história da concepção de infância: A perspectiva de Àries em foco.....	17
1.2 - A concepção de infância em outros contextos: as pressões do colonialismo, o trabalho escravo e a criança proletária.....	22
1.3 - A infância contemporânea e as contribuições Neil Postman: o Brasil, o neoliberalismo e a sociedade de consumo.....	26
CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
2.1 - Bardin e a Análise de Conteúdo.....	31
2.2 - As formas de análise.....	33
CAPÍTULO 3 - A ANÁLISE E AS MÚSICAS.....	37
3.1 - “Eu Não Pedi pra Nascer” Facção Central.....	37
3.2 - “Fim de Semana no Parque” Racionais MC’s.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXO 1.....	64
ANEXO 2.....	67

INTRODUÇÃO

Entre as décadas de 80 e 90 surgiu nos Estados Unidos um movimento que invadiu as periferias do país e se espalhou pelas periferias de todo o mundo. Dos guetos americanos aos guetos brasileiros, o movimento hip hop se tornou um veículo de expressão das culturas da juventude da periferia e acima de tudo se tornou a voz que denuncia os problemas existentes nestes espaços. No Brasil, realidade tratada neste trabalho, o hip hop configurou-se de acordo com as diversas culturas que aqui existem, ganhando novas roupagens, ritmos e propostas. O Estado de São Paulo foi pioneiro no desenvolvimento do movimento no Brasil, lançando importantes nomes que fizeram do hip hop um importante instrumento para o enfrentamento da população que sofre com as injustiças sociais.

A cultura hip hop se estabeleceu historicamente como um criativo “campo da atividade humana”. O rap, por sua vez, é a expressão textual deste campo. Seus enunciados refletem as condições específicas e as finalidades deste campo. Sua construção composicional, seu conteúdo temático e seu estilo de linguagem são determinados pelas especificidades inerentes à cultura de rua à qual eles se vinculam: o movimento hip hop. (SILVA, 2012, p.27)

Dentre os quatro principais elementos do hip hop (rap, break, grafite e DJ), o rap se destaca no Brasil. Aqui, o acrônimo R.A.P- Rithm and Poetry recebeu um novo significado: RAP- Revolução Através das Palavras, “[...] *embora não apresente uma verdade factual do ponto de vista histórico e epistemológico*” (SILVA, 2012, p.70), os rappers brasileiros reformularam as estruturas deste elemento, configurando um jeito único de fazer rap.

A realidade socioeconômica do país, principalmente no contexto dos anos 80 e 90, marcado pela redemocratização após árduos anos de ditadura militar, fortifica as desigualdades sociais. Estas nutrem a inspiração de artistas populares (rappers)

que iniciaram um movimento no Brasil disposto a mostrar a realidade de uma parcela da população que sofrem com a desigualdade e as injustiças sociais. Este foi o principal combustível para a origem e crescimento do rap no país.

Neste sentido, escolhi o movimento Hip Hop como base deste trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, com o destaque ao elemento rap, por identificar dentro desta cultura um potencial instrumento de expressão de uma classe não hegemônica e que ao longo da história do país, sempre foram calados, sem acesso às verdades enraizadas nas suas condições de vida e principalmente na repressão e no desprezo de sua cultura. Assim, este trabalho, pretende reinterar este papel do movimento Hip Hop, em especial para a juventude que compõe essa classe e vive uma realidade bastante perversa e com omissão de direitos, em especial no que tange à educação, saúde, saneamento, transporte, cultura e lazer.

Desde a adolescência, tive contato com o rap e este sempre me proporcionou reflexões em relação às injustiças sociais do país e o contato com esta cultura me fez enxergar uma realidade que eu não vivenciava na prática. O racismo, a violência, a repressão, por exemplo, ganharam sentido na minha vida a partir do rap - não como alguém que sofre isso, mas alguém que se indigna com a possibilidade disso continuar acontecendo e, portanto, a vontade de lutar contra estas circunstancia me fizeram ter ainda mais afinidade com o movimento e todas as suas produções.

Dentre os muitos temas que o rap aborda, em diferentes linguagens e pontos de vista, percebi que alguns deles fazem alusão à infância e concebem este conceito de diversas maneiras. Para tanto, e considerando também minha identidade com a pedagogia e a minha paixão pelas crianças, vi que os rappers

tratavam deste assunto de forma muito rica e que as diversas concepções de infância trabalhadas nestas músicas seriam um objeto de pesquisa amplo e surpreendente.

Deste modo, realizei um levantamento de rap's que tratavam sobre a infância, tentando obter diferentes concepções e realidades a partir da descrição destes artistas e neste processo percebi que apesar de apresentarem realidades distintas, todos eles também constroem um imaginário sobre o que é ser criança, o que criança deve fazer, vestir, pensar, com o que deve brincar, como deve ser cuidada e principalmente, quem são os responsáveis por ela.

Conseqüentemente, levantei o questionamento sobre como se construiu historicamente este conceito e quais os fatos influenciaram para a sua concretude na atualidade, em especial no contexto no qual o rap se consolida no Brasil. A partir disso, realizei um levantamento bibliográfico sobre a história da concepção de infância e como este conceito se desdobrou até os dias de hoje, tentando relacionar com as ideias que as letras tratavam.

Ao longo da história da infância é possível adquirir novas percepções sobre caminhos mais amplos que a sociedade e as famílias trilharam no passado- visto que a infância revela importantes suposições e constrangimentos no ambiente social mais amplo. [...] é possível verificar como muitos aspectos da infância contemporânea decorrem do passado, o que por seu turno permite entender bem melhor a infância contemporânea, inclusive alguns novos problemas que ocupam a nossa atenção. (STEARNS, 2006, p.14)

É neste cenário que inicio a reflexão deste trabalho de conclusão de curso, tendo como objetivo desmembrar e desvendar as concepções de infância que são contempladas no rap, tendo como base a realidade social, o histórico da concepção de infância e os argumentos e palavras-chave utilizadas pelos rappers nas suas músicas, podendo, então interpretar as mensagens existentes nas letras.

Para isso, utilizei como metodologia de pesquisa a análise de conteúdo, desenvolvida principalmente por Laurence Bardin, e que nos oferece condições para trabalhar com as músicas selecionadas, compreendendo nas entrelinhas o que os artistas expressam além dos significados reais de suas palavras. E neste campo que pretendo identificar as concepções de infância contidas nas letras, interpretando os diversos aspectos que inferem nestas ideias.

Como parte das ações metodológicas, após o contato com diversos rap's, selecionei duas músicas que contemplam critérios que darão condições para análise deste trabalho. Estes critérios foram: ter alguma menção sobre a infância na letra, demonstrar nela algum aspecto que sugere um imaginário do que é ser criança, evidenciando suas condições de vida e aquilo que deveria ser a sua vida. Por último, e não menos importante, observar a voz e a postura daqueles que produziram estas canções. Que aspectos os caracterizam enquanto pertencentes ao movimento Hip Hop? Quais suas contribuições e relevância dentro do elemento rap?

Para tanto, escolhi o Racionais Mc's e o Facção Central, considerando a relevância destes na história do Hip Hop brasileiro. Ambas os grupos, são uma referência dentro do rap nacional, e que de maneiras diferentes fazem sua reflexão e crítica sobre as desigualdades sociais, a violência e a exploração vividas pela classe que eles mesmos compõem.

O primeiro foi pioneiro do rap nacional, sendo base para todos os grupos que surgiram após. O nome do grupo foi inspirado no álbum "Racional" lançado em 1975 por Tim Maia, mas que representa muito mais do que esta inspiração, também representa a postura do grupo dentro de sua arte.

O grupo surgiu no final dos anos 80 e foram reconhecidos por suas músicas com forte crítica social, condizente com os ideais do movimento Hip Hop, pela qualidade na articulação das ideias e na transmissão de ideais de luta contra o racismo, a desigualdade, a violência. (ASSIS, 2011).

Os primeiros LPs do Racionais MC's significaram uma mudança no curso do cenário do rap nacional, em função do seu conteúdo político, denunciador e polêmico. (SILVA, 2012, p.90)

Já venderam mais que 1,5 milhão de discos no Brasil e não se renderam a grande mídia para isso. Em suas letras sempre se preocupam em descrever a vida, as dificuldades e desigualdades sofridas pela juventude negra das periferias do país. Por ser considerado um fenômeno de vendas, sem nenhum aparecimento nas grandes mídias, o grupo é muito visado comercialmente:

[...]os Racionais Mc's tem um atrativo quase irresistível ao mercado: é um fenômeno de vendas. O grupo conseguiu atingir a marca de 1,5 milhão de discos vendidos repudiando as grandes mídias, sem aparecer em nenhum programa de televisão de grande veiculação passando pelos tempos de internet, pirataria e mantendo-se na "boca do povo"[...] (ASSIS, 2011, p.59)

Atualmente, em 2014, o grupo ressurgiu com a comemoração de seus 25 anos de carreira, embarcando em uma turnê que relembra este fenômeno popular. Estão em perfeita atividade artísticas, produzindo novas músicas e sempre revolucionando o rap nacional.

Dentre suas músicas, escolhi "Fim de semana no Parque"¹ para a contribuição neste trabalho, por trazer considerações sobre as crianças dentro da realidade da Zona Sul de São Paulo onde a contradição das condições sociais são escancaradas. O local onde as crianças pobres brincam e se divertem no domingo é ao lado de um clube cheio de atrativos onde as crianças ricas, brincam e se divertem

¹ In: Raio X do Brasil- Racionais Mc's (1993)

nas piscinas, pista de Kart, cinema entre outros atrativos distantes da realidade das crianças que vivem do outro lado.

O segundo grupo, Facção Central, é representante de um rap “sem nenhum romantismo”, como eles mesmos se denominam. O uso de termos fortes e a escolha de situações cruéis para embasar suas músicas, são uma marca do grupo que surgiu em 1989. O seu rap é impactante e descreve a realidade do povo pobre e negro ressaltando a violência e o descaso com o qual são tratados por todos os seguimentos da sociedade. Segundo Assis (2011):

Em seus sete CD's, o grupo mantém o estilo contundente das letras, repletas de ataques diretos à sociedade, ao governo, às elites, com o objetivo anunciado de: “ injetar ódio no cérebro do conformado, informação no desinformado e auto-estima no derrotado” (ASSIS, 2011, p.61)

Eles revelam em suas canções a realidade de uma forma bastante revoltada e narrando um cenário de horror da periferia (ASSIS, 2011). O líder do grupo, Eduardo, diz que “não tem como romancear a guerra”. Assis (2011) destaca que esta postura do grupo não agrada a todos, justamente pela “violência” de suas letras e por tratar sobre o crime como uma alternativa para esta população sair de péssimas condições em que vivem. Por isso, grupo já foi censurando algumas vezes e responderam judicialmente por apologia ao crime.

Em 2013, o líder do grupo divulgou um vídeo na internet explicando sua saída do grupo depois de uma decisão coletiva dos membros. Ele diz que há desavenças nos seus ideais, mas que não vai deixar o rap. Eduardo lançou um livro em 2012 chamado: “A guerra não declarada na visão de um favelado” e considera que a busca do saber é a principal alternativa para os “favelados”.

A música selecionada, “Eu não pedi pra nascer”² é uma narrativa revoltada das condições de infância pobre, tratando sobre a violência doméstica e o trabalho infantil, assim como, o convívio com as drogas, sexo, tráfico e em contrapartida toda a vontade de “ser criança normal” de um menino que vivencia esta realidade. Com um final duro e trágico, a música insinua que o cuidado da família é imprescindível para o desenvolvimento da criança e culpabiliza a mãe/mulher pela situação na qual ele se insere.

Enfim, nas próximas páginas, trataremos da infância como uma temática influente e uma concepção polissêmica e ampla, principalmente considerando o contexto histórico e social. Isso, considerando o modo como estes artistas falam sobre a infância e como descrevem a realidade e o desenvolvimento destas crianças, reconhecendo o rap e, conseqüentemente, o Hip Hop como uma ferramenta de luta e resistência das periferias para escancarar as condições de suas realidades.

² In: Direto do Campo de Extermínio-Facção Central (2003)

CAPÍTULO 1 - UMA HISTÓRIA DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

1.1- Uma história da concepção de infância: A perspectiva de Ariès em foco

A concepção de infância é um objeto de pesquisa relativamente novo. Devido à falta de documentos e registros da infância antiga, os historiadores que se interessam por esta temática utilizam meios diversos para compreender como se constituiu a história da infância. A análise de obras das artes plásticas, a observação do mobiliário, vestuário e a relação com a escolarização e a história da educação são alguns exemplos.

Um dos principais historiadores que trataram do assunto, tendo como base a infância no Ocidente, foi o francês Philippe Ariès. Para ele, a criança foi reconhecida como uma categoria social diferente do adulto entre o século XVI e XVII. Neste período os artistas (principalmente os artistas plásticos) começaram a retratar a figura da criança em suas obras e a partir delas Ariès desenvolveu o seu trabalho observando como eram retratadas as crianças nelas.

Segundo Ariès (1981), na sociedade medieval o conceito de infância não existia. As crianças eram inseridas na vida adulta a partir da independência de suas mães ou amas de leite, a partir daí não havia diferenciação entre as crianças e os adultos. Nesta fase também, não se preservava o convívio familiar com as crianças. As crianças, na maioria das vezes, viviam com suas amas e eram privadas do convívio da família, pois esta também não alimentava este sentimento.

Na sociedade medieval [...] o sentimento da infância não existia- o que não que dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto. [...] Essa

consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude de suas mães ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. (Ariès, 1981, p. 156)

A taxa de mortalidade entre as crianças pequenas era muito elevada e também por este motivo as famílias tinham pouco apego sentimental com os menores, devido à incerteza da sobrevivência deles. O trabalho na infância era muito comum assim como todos os deveres e costumes da vida adulta.

Os cuidados, sempre destinado às mulheres, possibilitou que as mães ou amas, se envolvessem sentimentalmente com o “jeito de ser” das crianças, e iniciando um novo sentimento em relação à infância, e que mais tarde tomou a sociedade, gerando diversas manifestações de outros setores da sociedade que tinham na “paparicação” das crianças - principalmente as crianças menores - um grande momento de prazer.

Um novo sentimento de infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “paparicação”. (ARIÈS, 1981, p.158)

A partir de então, a infância aprofunda sua relação com a sociedade, e a criança inaugura um novo espaço nela. Ariès (1981) destaca que neste novo momento não é mais interessante a mistura entre as crianças e os adultos. A atenção destinada às crianças causava uma irritabilidade por uma parte da população, principalmente porque estes as consideravam mal educadas e mimadas pela paparicação dos adultos. Bonadia (2006), pautada na teoria de Ariès, demonstra que este sentimento avesso à paparicação - o qual também pode ser chamado de exasperação - era ligado à nobreza feudal, que muito se distinguia da

visão de mundo da parte da sociedade que incitou o sentimento de paparicação e que, no entanto, ascendia socialmente: a burguesia.

O comportamento infantil e os efeitos advindos da paparicação suscitaram a demanda pela racionalização dos costumes e disciplinarização das crianças. Por isso, havia a necessidade e interesse de adentrar ao universo psicológico das crianças e suas particularidades, bem como, a preocupação com o desenvolvimento moral delas.

O apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. (ARIÈS, 1973, p. 162)

Deste modo, a educação escolar auxiliou para a administração dos novos interesses que permeiam a infância e, conseqüentemente, passou a compor a preocupação das famílias em relação à vida das crianças. Entretanto, moralizar e disciplinar as crianças converteu a ideia de infância, antes misturada e, portanto, igualada aos adultos, em um diferencial onde se destaca a imperfeição, a fraqueza e as crianças eram vistas como seres inacabados.

O século XVIII foi palco de transformações na conjuntura política, econômica e social no mundo ocidental. A Revolução Francesa e a ascensão da burguesia ao poder, reconfigurou as relações sociais e as ideologias³ que movem a sociedade. Estas mudanças modificaram também a posição que as crianças e a própria família

³ Utilizo esta palavra, para os devidos fins deste trabalho, considerando-a como um conjunto de ideias que norteiam nossas ações sociais e políticas.

ocupam no meio social. Neste sentido, estas passaram a ser figuras centrais na sociedade e as responsabilidades mais individuais, particulares.

A estrutura familiar mudou em diversos aspectos, desde sua composição aos costumes. O ambiente privado e particular, se tornou a fortaleza da família que agora se constitui de forma nuclear, as crianças tem um papel central na família e há uma enorme movimentação para sua preservação e disciplina, assim como com os cuidados com a saúde e higiene (BONADIA, 2006). Cabe ressaltar que nessas mudanças na estrutura familiar as mulheres também passaram a ocupar novas posições e agora, é a principal responsável pelo cuidado dos filhos (seres importantíssimos para a família) e acima de tudo alguém que tem no lar sua principal responsabilidade.

Com o tempo e a consolidação da burguesia no poder, esta deixa de ser revolucionária e torna-se conservadora. No entanto, a necessidade de contenção das massas, colocou à educação um papel fundamental para o avanço do regime burguês:

Através da Revolução Francesa, que foi ecumênica e radical, a França consolidou a ideologia política da sociedade capitalista europeia, com a ajuda do Iluminismo, onde a educação seria o instrumento para formar o cidadão do novo regime. (BONADIA, 2006, p.26)

A educação e a religião contribuíram muito para a manutenção do sistema e para acostumar as pessoas às novas condições que exigia este novo sistema:

Unindo-se a função da educação, a religião contribuiu ainda mais para adaptar esse mesmo homem às condições de vida, com a promessa de uma vida melhor. Assim tornou-se os preceitos religiosos adequados aos ideais capitalistas iniciando um processo de moralização intenso com o objetivo de conter as massas. (BONADIA, 2006, p.27)

Além da centralidade na família nuclear, dos cuidados, investimentos e preocupações em relação à infância, é importante ressaltar que na modernidade ela é considerada também como um momento único e privilegiado da vida, para o desenvolvimento intelectual, moral, físico e biológico:

[...] a criança vai assumindo rosto e voz: sua linguagem, seus afetos, sua sexualidade, suas brincadeiras, passam a ser objetos de análises, dissipando estereótipos e fazendo com que a infância seja vista como um momento privilegiado da vida. [...] a infância se torna a idade fundadora da vida, e a criança vira uma pessoa. (BONADIA, 2006, p. 36)

A idealização da infância como uma fase da vida representada pela inocência, pureza e fragilidade aumentou nos adultos a necessidade do cuidado e da proteção. Entretanto, a repressão e violência foi característica desta relação entre adultos e crianças, principalmente no ambiente familiar. Havia uma comoção por disciplinar as crianças e o ambiente escolhido para isso foi a escola:

Descobriu-se então a necessidade da disciplina: uma disciplina constante e orgânica, muito diferente da violência de uma autoridade mal respeitada. Os legisladores sabiam que a sociedade turbulenta que eles comandavam exigia pulso firme [...] (ARIÈS, 1973, p.191)

Enfim, a modernidade lançou o conceito de infância no qual temos como base até os dias de hoje (um ser que necessita de cuidados familiares, de educação escolar, que precisa se desenvolver dentro de um ambiente tranquilo, sem trabalho e violência). Além de inaugurar a criança como uma pessoa socialmente, impulsionou, também, a expansão escolar e a educação como um investimento para a família. A infância é reconhecida como um momento primordial na vida humana, e, no entanto, o cuidado e a preservação da vida tem grande importância e as crianças passam a viver mais e com uma posição de centralidade na família.

1.2 A concepção de infância em outros contextos⁴: as pressões do colonialismo, o trabalho escravo e a criança proletária.

Até o presente momento, o foco do trabalho foi, principalmente, duas fases da história Ocidental que marcaram globalmente a concepção de infância. Utilizei as ideias de infância da Idade Média, para tomar como ponto de partida a análise de como se deu a história da criança, em especial, porque foi neste período que ela passou a ser reconhecida como um ser diferente do adulto. Na modernidade, a concepção tomou rumos ainda mais inovadores e que moldaram a infância a partir dos preceitos burgueses e que identificou a criança como alguém que necessita de cuidados, preocupações e, portanto, educação.

Na contemporaneidade, podemos perceber que estes aspectos da infância moderna ainda permanecem. Entretanto, este capítulo contemplará um novo olhar para estes mesmos séculos da história- Século XVI, XVII, XVIII e XIX- mostrando uma realidade muito distante da preocupação com os cuidados, a educação e a integridade da criança.

Três processos históricos a partir do século XVI, relacionados entre si e fundamentais para a história mundial, tiveram substancial impacto em muitas crianças. O primeiro constituiu na maciça expansão do tráfico de escravos da África para as Américas e da própria escravidão. O segundo foi o crescimento do colonialismo europeu, particularmente nas Américas. E o terceiro, mais geral, centrou-se no aumento da produção para uma economia comercial mundial em crescimento. (STEARNS, 2006, p. 105)

⁴ Para contar a história da concepção de infância Ocidental, atentei-me, em especial, nos grandes fatos históricos que marcaram o Ocidente do século XVI até o século XXI, pois foram estes que de alguma maneira influenciaram para que se fosse construído hoje, no Brasil, principalmente, uma ideia do que é a infância. Por esta razão limitei-me a narrar sucintamente estes fatos que colaboraram para que a formação da concepção de infância atual.

Segundo Sterns (2006), estes três acontecimentos, supracitados, não trouxeram nenhuma benevolência para as crianças. Ele ressalta que, embora, as crianças que viviam no ambiente agrícola sempre tiveram o trabalho como prática, e que isso não era julgado como um problema para a infância, estes acontecimentos intensificaram muito a rotina de trabalho delas e, sobretudo, que foram tempos muito cruéis.

A escravidão, apesar de ser uma prática tradicional da história da humanidade, nas Américas foi um período trágico, em todos os aspectos, mas também para as crianças. Além de muitas crianças e adolescentes terem sido retiradas de seus familiares e inseridos numa realidade muito diferente do qual estavam acostumados. As condições desumanas de vivência, os trabalho incessante, os castigos físicos demonstram que esta fase não tem nenhuma relação com a aquela contada por Ariès em uma perspectiva bem mais elitizada do contexto histórico da concepção da infância.

Sterns (2006) conta que a posição da criança negra escravizada era humilhante em relação às brancas. Elas até poderiam brincar juntas, mas que eram obrigados a prestar obediência a estes “sinhozinhos”. Caso estes pequenos escravos fugissem às regras os castigos, como chicotadas, eram comuns.

As necessidades de trabalho eram evidentes e incluíam o uso de crianças escravas nas plantações de açúcar brasileiras e nas Índias Ocidentais. Muitos filhos de índios foram levados, junto com os pais, a trabalharem nas plantações latino-americanas, particularmente em *ecomiendas*, em que o trabalho forçado era particularmente amplo. O trabalho fazia parte da infância na América antes da chegada dos europeus, mas o trabalho compulsório foi um componente adicionado pelos europeus. (STEARNS, 2006, p.110)

Os costumes dos povos indígenas, muito diferentes dos costumes burgueses dos europeus, eram ridicularizados pelos colonizadores da Europa. E, portanto, missionários foram enviados com a responsabilidade de suspender alguns costumes e práticas nativas, como por exemplo, o uso de crianças em sacrifícios religiosos. A chegada dos jesuítas no Brasil, por exemplo, em 1549, foi um marco para a infância indígena, uma vez que, a catequese, a colonização e a educação era sua principal missão a fim de conter e disciplinar os indígenas. Estas práticas foram parte de uma movimentação da Igreja Católica que perdia espaço na Europa por conta da Reforma Protestante e então uma das atitudes necessárias foi justamente a expansão do catolicismo pelo Ocidente.

Esses são fatos essenciais para percebermos como se constituiu, no Brasil, a concepção de infância. A exploração do trabalho infantil através da escravidão, colocaram a infância negra e indígena em condições desumanas e psicologicamente muito trágicas. Além de ocultarem a elas sua própria história, origem e cultura, as fizeram crescer sobre a imposição de outra história e cultura, apagando da sua essência aquilo que os pertencia.

A exploração do trabalho infantil e da própria infância permaneceu durante séculos, não somente no Brasil, mas em outras realidades que sofreram com a escravidão e com a colonização. O Brasil é um caso a parte pois foi o único país a manter a escravidão por 300 anos consecutivos, e todos estes anos e as marcas que deixaram são refletidas até hoje nas condições de vida dos descendentes de escravos.

No entanto, seguiremos com a história da concepção de infância percebendo agora como se deu as transformações sociais, econômicas e políticas pós Revolução Industrial, no século XIX, e quais as decorrências destas mudanças na concepção de infância e na vida das crianças inseridas neste contexto.

A Revolução Industrial trouxe consigo a revolução do instrumental de trabalho sobre o trabalhador (indústria moderna) , com isso, a maquinaria torna supérflua a força muscular para o trabalho e possibilita a apropriação pelo capital das forças de trabalho suplementares: o trabalho de mulheres e das crianças.[...] Com a não necessidade da força muscular, o trabalhador não vende mais somente a força de trabalho, mas também mulher e filhos. O valor da força de trabalho é repartido entre a família, desvalorizando e barateando a mesma. (BONADIA, 2006, p.48)

As modificações sociais fomentadas pela Revolução Industrial em diversas áreas influenciaram também na maneira como se via e se vivia a infância. O crescimento da indústria, o acelerado processo de urbanização e a relação com o trabalho são exemplos disso. Ainda que a criança devesse ser vista em suas especificidades e em todos os aspectos deixados pela ideia moderna da infância, as crianças, filhas dos trabalhadores, foram inseridas no mercado de trabalho.

A criança da classe operária é vista tão somente como mais um indivíduo gerador de força de trabalho, sendo explorada de maneira exacerbada: realizações de leilões públicos de crianças de ambos os sexos, a partir dos 9 anos para serem alugadas pelas fábricas; trabalho exaustivo e sem condições mínimas de segurança ou higiene, levando à ruína física das crianças, subestimadas pelas máquinas ou pelos demais ramos da atividade; a mortalidade intensa das crianças, filhas dos trabalhadores, nos primeiros anos de vida, devido ao trabalho das mães fora de casa e com isso, a falta de cuidados, o abandono [...] (BONADIA, 2006, p.49)

Em muito se difere a infância dos filhos da classe trabalhadora e a infância dos filhos da burguesia. A primeira infância, apesar de partilhar da mesma moderna (naturalizada como um momento único da vida), é empurrada ao trabalho fabril e ainda mais explorada como uma mão de obra mais barata e contida. Já a segunda,

era romanceada e idealizada valorizando sua pureza, inocência e provedores de amor. Além dos cuidados familiares, as crianças desta classe eram a atração do lazer destas famílias que viviam em torno desta criança. Esta diferenciação é crucial para compreendermos que a concepção de infância, produzida a partir do contexto histórico e social, também é resultado da condição material na qual estão colocadas.

1.3 A infância contemporânea e as contribuições de Neil Postman: o Brasil, o neoliberalismo e a sociedade de consumo.

As grandes inovações surgidas no final do século XIX com o avanço da tecnologia inauguraram um novo século cujas transformações aceleradas e troca de paradigmas, que corroboraram para a mutação da vida e das ideias que nos influenciam. O século XX conservou anos de grandes Guerras Mundiais e que mobilizaram a humanidade a um novo entendimento do mundo.

Com isso, a concepção da infância não estagnou e, portanto, foram desencadeadas novas ideias, propostas e condições do “ser criança”. O que foi desenvolvido nos séculos passados permanece em voga com ainda mais força, a naturalização da infância, por exemplo, ficou mais enraizada quando se tornou uma categoria biológica, e também de interesse de intelectuais do campo da psicologia. Começou-se a produzir sobre a infância e, sobretudo legitimá-la. Neste mesmo período, houve uma comoção social para garantir legalmente os direitos da criança e para isso, foram elaborados documentos, estatutos e leis com o intuito de proteger e garantir a vivência da infância.

Entretanto, a dura realidade das crianças das classes pobres ainda permanece à margem destas perspectivas e estas leis escapam aos olhos quando

tratamos da exploração do trabalho infantil e das péssimas condições de vida das crianças submetidas à ele. No Brasil, isso é evidente, tendo em vista os muitos anos de exploração e violência que as crianças brasileiras foram expostas, com a escravidão de negros e indígenas. O trabalho infantil, por exemplo, esteve sempre presente na realidade do Brasil, ainda que a industrialização fosse tardia.

Bonadia (2006) ressalta que as teses sobre a infância elaborada na Europa, não cabiam à situação brasileira, devido às muitas singularidades históricas, sociais, econômicas e culturais do país:

Como se vê, a pobreza e a falta de escolarização da criança brasileira ao longo de sua história tornam as teses europeias absolutamente inadequadas ante as realidades de uma sociedade que, como explica “uma menina de rua”, “sonhos que não enchem barriga” (DEL PRIORI, apud, BONADIA, 2006)

Em 1959, foi criada, por exemplo, a Declaração dos Direitos da Criança⁵ que previa o direito à liberdade, ao estudo, ao brincar e conviver socialmente, privilegiando dez princípios, nos quais eu destaco: a igualdade sem distinção de raça, religião ou nacionalidade, a proteção para o desenvolvimento físico, mental e social, acesso à moradia digna, saúde, educação e lazer e que estas gozarão de proteção contra qualquer tipo de negligência. O nascimento da UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância foi um importante elemento (também no âmbito internacional), pois ela surgiu justamente no contexto pós II Guerra Mundial com o intuito de amparar as crianças vítimas dos avassaladores problemas gerado pela guerra.

⁵ Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html> (acessado em 21/11/2014 às 15:41)

O Brasil elaborou outros documentos que se propõe a preservar e cuidar da infância, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Estes colaboraram para melhoria na vida e na aquisição de direitos das crianças, mas ainda hoje (2014), vivenciamos uma realidade bastante dura, decorrente das desigualdades sociais e das precarização de serviços como educação, a saúde, a segurança e o lazer.

No contexto pós Guerra Fria, onde a disputa ideológica entre o capitalismo e o socialismo, alavancou as potências capitalistas, a vigência do Neoliberalismo (segunda metade do século XX), veio contribuir ainda mais com as mudanças nos paradigmas da infância. O mercado agora tem o papel de tentar gerir as relações humanas e assim, implantar a ideologia do consumo. As crianças, legitimadas e conservadas socialmente, tornaram-se um atrativo para o mercado, e agora além de sujeitos, também foram identificadas como uma das prioridades dentro do mercado consumidor.

A característica do indivíduo que vive a era neoliberal, agora, é de um sujeito reduzido: indivíduo como consumidor e não mais o indivíduo racional livre que permeava a subjetividade moderna. Esse “sujeito consumidor” tem sua subjetividade- identidade localizada não na “consciência” mas, agora, no “corpo”, que assume a própria identidade pessoal, portanto nos tornamos só corpo. (BONADIA, 2006, p.72)

A publicidade e mídia, neste sentido, colaboraram para o enriquecimento desta ideia e as crianças, através dos muitos produtos destinados a elas, desenvolvem novas necessidades e desejos. Ser criança, agora, é ter um “corpo que consome coisas de criança” e quem direciona o que vão consumir é a mídia que, conseqüentemente, exerce fortes impactos no como de conceber a infância.

Segundo Postman (1999), o que diferencia a vida adulta em relação à vida infantil, são algumas informações e conhecimentos que se restringem a consciência do adulto. Mas, dentro desta nova fase histórica que vivenciou a infância, com a disseminação de informações diversas principalmente através da televisão, culminou em:

O efeito mais óbvio e geral desta situação é eliminar a exclusividade do conhecimento mundano e, portanto, eliminar as principais diferenças entre a infância e a idade adulta. Este efeito provem de um princípio fundamental de estrutura social: um grupo é em grande parte definido pela exclusividade da informação que seus membros compartilham. (POSTMAN, 1999, p.98)

Assim, o autor salienta que neste momento há também o início de um possível desaparecimento da ideia de infância, uma vez que, ela caminha para o alcance daquilo que o adulto possui e que os diferenciam enquanto sujeitos. Entretanto, é importante ressaltar que, somente alguns aspectos da relação adulto-criança se dissipam caminhando para a equivalência, mas isto não significa que estes sejam transformadores para uma ideia ainda mais profunda que os diferenciam.

No entanto, considerando a reflexão e análise de Postman (1999), este também pode ser um processo de “adultificação” da infância, e no que diz respeito ao consumo, as crianças se constituem como pequenos adultos e, tem acesso a produtos e situações parecida com os da vida adulta.

Desta forma, é possível compreender que a infância do século XX e ainda mantida no século XXI, é permeada pela lógica do mercado que, inclusive, colabora para desmistificar a infância em detrimento à vida adulta e, sobretudo, enraizar as

ideologias marcadas pelo sistema, onde se priorizam as ideias de que é preciso “ter” para “ser”.

As crianças estão submersas nesta realidade e considerando que, apesar sustentada à ideia de democratização do acesso aos bens de consumo, a realidade das classes populares não é esta. E o embate entre a idealização de uma infância, vendida pela mídia sob a lógica do consumo, e a real condição de vida destas crianças criam uma enorme contradição e que é a essência da análise deste trabalho.

CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1- Bardin e a análise de conteúdo

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, de identificar as concepções de infância apresentadas por algumas letras de rap que falam sobre a infância e portanto analisar todos os preceitos destas constatações, escolhi como referência metodológica as técnicas de análise de conteúdo, de Laurence Bardin.

Segundo ele, a análise de conteúdo:

[...] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977, p.31)

Portanto, a análise de conteúdo nos ajudará, dentro dos objetivos do trabalho, explorar, interpretar e compreender além da escrita da música que ideias aquelas palavras carregam consigo e, assim que concepções de mundo sustentam. A análise da mensagem enviada pela música é nosso principal objeto de estudo.

O rap, enquanto uma manifestação e produção cultural, que se propõe a criticar e problematizar as mazelas sociais vividas pelos moradores das periferias das grandes cidades tem em sua essência a transmissão de uma mensagem através da música. Ele enquanto um elemento que dá voz à juventude que pouco é ouvida, também realça a importância enquanto transmissão de uma ideia a ser percebida e assimilada, ora pela denúncia, ora pela revolta, ora pelo protesto ou simplesmente pela liberdade de criar a partir daquilo que os representa enquanto cultura.

Nesse sentido, a análise de conteúdo, como um instrumento que possibilitará um estudo sobre estas mensagens passadas pelos rappers através de sua música, dá concretude a este trabalho, indicando uma base teórico-metodológica para esta análise.

A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferências estas que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (BARDIN, 1977, p.38)

Então, a inferência deste trabalho terá como principais indicadores os “versos” do rap selecionados, identificados com “palavras-chave” que embasam o que pretendo analisar: as concepções de infância reproduzidas através das letras de rap.

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a etnografia necessitada da etnologia, para interpretar suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio [...] (BARDIN, 1977, p.39)

Assim, os “documentos”, denominados por Bardin, serão, neste trabalho, as músicas selecionadas pelos critérios cabíveis para a relação com a temática do trabalho. Os versos destacados sob a minha interpretação e fundamentada pela relação com a história da concepção de infância trabalhada no primeiro capítulo será a minha inferência no objeto de pesquisa, traduzindo as mensagens através do crivo que este ensaio se propõe.

No entanto, a análise das canções proposta neste trabalho, não tem como finalidade fazer um estudo da língua ou da linguagem, mas sim das ideias e culturas que estão submersas nestas letras, considerando suas condições de produção e contextos sociais e históricos.

A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que esta por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens. (BARDIN, 1977, p.44)

Contudo, este trabalho utilizará a análise de conteúdos para dissecar as letras de rap que tratam sobre a infância (selecionadas a partir dos objetivos do trabalho) e compreender através das mensagens transmitidas pelas músicas, que concepções de infância estão atreladas às essas e então, perceber quais aspectos históricos e sociais contribui para estas proposições.

2.2 - As formas de análise

Bardin (1977), nos oferece organização de três polos cronológicos que nos ajudam na análise dos conteúdos. O primeiro polo, denominado de “pré análise”, o segundo “exploração do material” e o terceiro e último “o tratamento dos resultados” ou “a inferência”.

A pré-análise é a fase em que se ordena, seleciona e programa a sua pesquisa. Segundo o autor, ela possui três missões: a escolha de documentos para a análise, a formulação de hipóteses, dos objetivos e dos indicadores para fundamentar a interpretação (BARDIN, 1977). Ele também sugere um passo a passo para isso sendo ele:

- 1) a leitura flutuante: primeiro contato com o documento, considerando suas primeiras impressões em relação à ele;
- 2) a escolha dos documentos: faz relação com o objetivo do trabalho e portanto, para auxiliar a escolha pode-se seguir algumas regras, como: A exaustividade

(busca por todos os elementos que compõe o “corpus”⁶ do documento escolhido); Da representatividade do documento (reconhecer se o documento tem aquilo que você procura e se é verossímil); Da homogeneidade (obedecer aos seus critérios, sem que se tenha nenhuma singularidade); E da pertinência (adequados como fontes de informação, relacionados com os objetivos da análise);

3) formulação da hipóteses e dos objetivos: suposições intuitivas sobre aquilo que se analisa e a finalidade na qual se quer alcançar;

4) a referenciação dos indicadores: que elementos o texto faz menção que se relacionam com o seu objetivo e com as suas hipóteses.

5) preparação do material: reunir os dados levantados, fazer uma preparação formal, edição e etc.

A “exploração do material” é segundo as palavras da autora: “ *a fase da análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas*”(BARDIN, 1977, p.101). Por fim, o “tratamento dos resultados obtidos e a interpretação” que é a significância e a validade do seu trabalho.

Passei, neste trabalho, pelas etapas acima citadas, buscando primeiramente os materiais necessários a partir da pré-análise. A procura das músicas que tratavam sobre a infância foi o primeiro passo, seguido da escuta cuidadosa, que me levou a escolher algumas delas a partir de critérios como: ter alguma menção sobre

⁶ Corpus “é um conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”(BARDIN, 1977, p.96)

a infância na letra, demonstrar nela algum aspecto que sugere um imaginário do que é ser criança.

Estes procedimentos fazem analogia ao polo da pré-análise, primeiramente, fazendo uma leitura-flutuante (a escuta das músicas), seguidos pela escolha dos documentos (exaustividade- ouvir todas as músicas sobre infância que selecionei; representatividade- localizando aquela música que diz aquilo que eu busco para a análise sobre a infância; homogeneidade- perceber se os documentos selecionados apresentam características uniformes- todas são letras de rap- e por fim se contém pertinência- se as músicas realmente estão de acordo com os objetivos do trabalho).

O levantamento bibliográfico sobre a temática da história da infância e de aspectos que as músicas selecionadas trazem como elementos de análise, atribuo relação com o terceiro passo- a exploração do material. Neste processo também pude começar a elaborar hipóteses sobre como as concepções de infância inferem na produção destas canções e quais circunstâncias elas traziam para a ideia que a música trás. E em seguida começar a buscar indicadores na canção, que evidenciam estas circunstâncias.

A autora ainda coloca que dentro do processo de organização da análise de conteúdo é preciso mais alguns procedimentos com a codificação. A codificação é relacionar os dados colhidos ou levantados pela análise dos documentos com a teoria estudada. Esta relação depende de um arranjo entre os elementos que se quer estudar para que se maneje a teoria sobre eles. Dentre as possibilidades dadas pela autora em consonância com o trabalho, para a codificação, vejo que utilizo

como unidade de registro e de contexto ⁷ deste trabalho, a análise do tema. O tema, para ela, servirá de guia para a leitura e interpretação. No caso deste trabalho as expressões utilizadas pelos rappers que remetem à infância ou a idealização dela, são instrumentos de codificação a partir da unidade de registro temática.

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não directivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquéritos ou psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupos, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são frequentemente, analisados tendo o tema por base. (BARDIN, 1977, p.106)

A autora segue, explicitando também a unidade de contexto ⁸, no caso deste trabalho, estes são os versos que compõe o rap, principalmente aqueles que tratam diretamente sobre a infância. Este trabalho tem como base a análise qualitativa, ou seja, busca interpretar em um aspecto particular, observando como constitui o que se quer estudar, no objeto estudado. Nesse sentido, a concepção de infância constituída nas letras de rap abarca a análise qualitativa deste texto.

Assim, o estudo das mensagens transmitidas, no que diz respeito à concepção de infância, através das letras de rap é o cerne deste trabalho. Os versos do rap são os principais instrumentos da transmissão desta mensagem e o significado das expressões num âmbito social e histórico, a evidência que me permitirá interpretações destas mensagens. Então, seguiremos com este trabalho no próximo capítulo com o trabalho de análise das músicas.

⁷“ É a unidade de significação a se codificar.” (BARDIN, 1977, p.104)

⁸ “[...]unidade de compreensão para codificar a unidade de registro[...]” (BARDIN, 1977, p.107)

CAPÍTULO 3 - A ANÁLISE E AS MÚSICAS

Este capítulo trata das músicas selecionadas para a análise de conteúdos proposta neste trabalho, visando identificar as concepções de infância presentes nestas letras e compreendendo quais mensagens estão subtendidas nelas. Para tanto, a primeira música analisada “Eu não pedi pra nascer” do grupo Facção Central (2003), foi estudada ponto a ponto, considerando todos os versos que compõe a canção, uma vez que, estes contribuíam de forma ampla e enriquecedora para os objetivos do trabalho. A segunda “Fim de semana no parque” do grupo Racionais Mc’s (1993), terá seus versos selecionados a partir do interesse e objetivo do trabalho, considerando os critérios de escolha e delimitando aquilo que ela pode contribuir para o trabalho.

3.1- “Eu não pedi pra nascer” Facção Central⁹

A grande marca que o Facção Central deixou no rap nacional é a sua rebeldia em descrever as condições de vida dos moradores das periferias. Esta característica é evidente desde os nomes escolhidos para seus álbuns. A este respeito, pode-se perceber que na produção cultural as escolhas das palavras não é nenhum acaso, elas são selecionadas para causar uma impressão, um impacto ou sentimento a quem o ler ou ouvir.

O álbum denominado “Diretamente do Campo de Extermínio”, já demonstra um pouco da postura radical do grupo dentro do cenário do rap. Quando se colocam

⁹ Para a análise das mensagens desta música, optei, para os devidos objetivos do trabalho, por separar a canção em sete versos de compreensão e o refrão, onde analisarei que aspectos estas rimas trazem de contribuição para a compreensão sobre as concepções de infância existentes ali.

falando de um “campo de extermínio” explicita como enxergam o local de onde falam- enquanto negros, pobres e rappers. As expressões utilizadas remetam à violência policial nas favelas brasileiras, assim como, todo o descaso vivido por estas pessoas no ambiente em que vivem. O título “Eu não pedi pra nascer”, também foi uma escolha condizente com aquilo que a música vai defender. O ditado popular utilizado reforçar a ideia de que filhos precisam do comprometimento e responsabilidade de seus pais, e que estes devem cuidar e amparar seus filhos.

Este é um primeiro elemento onde podemos identificar que a concepção de infância defendida na canção coloca a criança em uma posição de fragilidade e com a necessidade do carinho, cuidado e atenção de seus responsáveis, predominantemente, da figura materna. Além do título da música, o grupo inicia a canção com um diálogo bastante tocante e violento entre mãe e filho, e que nos tenta nos sensibilizar através alguns elementos discutidos nas próximas linhas:

Diálogo

Mãe- Entra porra, esta aberto! Isso são horas pra chegar? Cadê o dinheiro?

Filho- Eles não me deram hoje, mãe!

Mãe-Tô aqui até agora esperando você, pra mim fumar, pra mim beber e você não aparece?

Filho-Eles não me deram mãe!

Mãe- Vai...coloca esse dinheiro ai em cima da mesa e vai dormir!

Filho-Eu to falando, eles não me deram mãe!

Mãe- Que não te deram o que? Se eu olhar no seu bolso e não tiver nenhum real você vai apanhar! Vai entrar no cacete, porque hoje eu estou a fim de te matar!

Filho- Eu juro mãe! Não tenho dinheiro não!

Mãe- Deixa eu ver no seu bolso? Seu mentiroso! Cadê o dinheiro? Cadê o dinheiro pra mim fumar, pra mim beber? Hoje eu vou te matar na porrada!

Filho- Para mãe, para...(criança grita, enquanto a mãe bate)

Nesta introdução, o tom de voz da mãe e do filho, um dos elementos que visa sensibilizar os ouvintes, mostra como aquela criança é cruelmente explorada e violentada pela sua mãe “viciada” e que coloca o seu filho para trabalhar para sustentar o seus vícios. A mãe parece, pela voz, muito agressiva e com pouca preocupação com a vida do filho, o que já nos evidencia uma perspectiva do autor da música de querer mostrar que a mulher (em especial) deve cuidar de seu filho, ampará-lo e principalmente privá-lo de qualquer problema. A voz da criança nos remete a ideia de que esta criança parece vítima, submissa e triste devido às condições em que é colocado pela sua própria mãe. Nesse sentido, a infância aqui já aparece como uma concepção de que ela deve ser preservada, que esta criança é frágil e necessita de cuidados e amparo, e que não pode viver sob estas condições.

Verso 1

*“Minha mão pequena bate no vidro do carro
no braço se destacam as queimaduras de cigarro*

*A chuva forte ensopa a camisa, o short
qualquer dia a pneumonia me faz tossir até a morte”*

O verso 1, tem os primeiros indícios diretos sobre a imagem da criança protagonista na música. Essa está sempre relacionada com expressões que indicam fragilidade, impotência, imaturidade. No diálogo tínhamos através da tonalidade da voz esses aspectos anunciados, mas o verso 1 vem concretizar esta concepção. Expressões como “mão pequena”, “as marcas de cigarro”, “a pneumonia me faz tossir até a morte” são exemplos desta caracterização de uma criança descuidada e explorada. Os termos “chuva forte” e “até a morte” também evidenciam as condições

em que esta criança vive, considerando que são colocadas em situações deploráveis e inseguras.

Verso 2

*“Uma moeda, um passe me livram do inferno
me faz chegar em casa e não apanhar de fio de ferro
O meu playground não tem balança, escorregador
só mãe vadia perguntando quanto você ganhou
Jogando na cara que tentou me abortar
que tomou umas cinco injeções pra me tirar
Quando era neném tentou me vender uma pá de vez
quase fui criado por um casal inglês”*

O verso 2 salienta que o trabalho é a única alternativa desta criança se livrar “do inferno” anunciando novamente que a criança tratada na música não vive em condições adequadas. Há também, através da negação, o ideário sobre a infância vivida através da brincadeira e dos brinquedos, ressaltada pela expressão “playground” “balança” e “escorregador”, no verso ele aponta não ter aquilo que ele considera, nas entrelinhas, que deveria ter enquanto criança (acesso ao “playground”).

No entanto, apesar de se utilizar da negação para descrever aspectos de uma infância ideal, o menino parece substituir o seu “playground” pelo seu trabalho, pois esta é a sua principal atividade. Então, apesar da sua infância não se identificar com a infância colocada por ele mesmo como ideal, esta é reconhecida como uma infância. Contudo, na letra, podemos dizer que este é o primeiro embate entre as concepções de infância real e ideal.

Ainda no verso 2, em muitos momentos é também revelado um ideal de uma família nuclear, muito semelhante à concepção de família burguesa do século XVII,

onde a mãe é a provedora dos cuidados do lar e dos filhos, e que estes são o centro da família, e, portanto, devem ser preservados, cuidados, amados e sustentados pelos seus pais. No entanto, no cenário tratado na música, estes são ideias distantes da realidade, onde as mães além de responsáveis do lar são também provedoras destes. Além do que , são independentes e autossuficientes, sem precisar da presença e colaboração de um homem/pai para sustentar a família e criar seus filhos. Os homens/pais não são nem citados neste contexto, já evidenciando que eles não estão ativos e muito menos presentes. Mas, apesar disso, as mulheres/mães são submetidas e comparadas com outras mulheres/mães ideais e que estão muito distantes das reais.

A presença dos homens/pais nas letras de rap, de maneira geral, é muito escassa. Em muitas letras, inclusive do Fação Central, a mãe é supervalorizada e os rappers evidenciam a importância da luta e batalha desta para com a sobrevivência e cuidado dos filhos. Em “Eu não pedi pra nascer”, identificamos outra perspectiva desta mãe, porém, apesar da crítica que faz sobre o comportamento e postura de sua mãe, os motivos que sustentam estas críticas estão relacionados com o contraste de uma mãe real com uma mãe ideal.

As acusações feitas à mãe apontam um julgamento moral de suas condições, onde podemos identificar com o termo: “vadia”, pois dentro do contexto linguístico utilizado pelos rappers recebe um duplo sentido, o primeiro como o sinônimo de desocupada e o segundo como uma mulher que se relaciona sexualmente com diversos homens. Ambos os sentidos são contemplados na frase em que esta colocada, uma vez que, em seguida ele coloca sua indignação em relação às

tentativas de abortá-lo, já refletindo um pré-julgamento das escolhas sexuais desta mãe e das consequências delas.

Portanto, é possível perceber que a música nos trás uma mensagem carregada de concepções que transpassam uma concepção de infância, mas que também sustenta uma concepção de família, de mãe e mulher. No entanto, através das falas que compõe a música (formuladas pelo rapper, mas que se apresenta como se fosse a expressão daquela criança), pode-se ver que ali esta sendo defendida a imagem de uma criança indefesa, que é vítima de suas condições e que a culpada deste desamparo é única e exclusivamente de sua mãe.

É importante ressaltar também que o contexto descrito na canção, onde os serviços domésticos estão colocados como uma responsabilidade da mulher/mãe, demonstra que a realidade tratada é exclusivamente masculina. Apesar de a letra mostrar e denunciar o trabalho infantil, o rapper, ao descrever a vida do menino, não leva em consideração que as meninas, por exemplo, desde pequenas são orientadas para realizarem os serviços domésticos e o fazem na maioria das vezes, desde a infância. O menino descrito na música, é isento do trabalho doméstico, colocando esta responsabilidade à sua mãe- uma mulher- reforçando a ideia, hegemônica na sociedade, de que os serviços domésticos são de responsabilidade das mulheres. Se uma menina/criança fosse inserida neste contexto, esta seria então, possivelmente, explorada duplamente, uma vez que, esta teria como responsabilidade a ajuda no sustento familiar e também o trabalho doméstico.

Nesse sentido, na letra, ao se trazer a história do menino, parece sustentar uma ideia socialmente hegemônica, e sobretudo também ressaltar que a infância

masculina deve ser livre de toda forma de exploração e que estes devem ser tratados com cuidado e carinho para crescerem com dignidade e se tornarem “homens de bem” e não criminosos.

Verso 3

*Olho roxo, escoriação. Porra, o que foi que eu fiz?
Pra em vez de tá brincando tá colecionando cicatriz
Por que não pensou antes de abrir as pernas?
Filho não nasce pra sofrer, não pede pra vir pra Terra.*

O verso 3, a infância protegida e distante da violência é reivindicada diretamente. A pergunta colocada, acompanhada por uma preposição: “Porra, o que foi que eu fiz? Pra em vez de tá brincando, tá colecionando cicatriz” evidencia a concepção da infância de uma criança que brinca e inserida em um ambiente tranquilo, lúdico, livre e nunca violento, cruel, que deixa “cicatrices” (-zes) físicas e psicológicas. O tom revoltado da letra ao se colocar através do menino nos indica que esta realidade deixa marcas e elas são maiores do que os machucados físicos, elas são psicológicas e sentimentais. E apesar do menino, na música, reclamar das péssimas condições que vive, ele é extremamente violento com esta mãe. A segunda pergunta do verso constata essa violência, que não é uma violência física, mas uma necessidade de demonstrar desdenha e ódio interno que a responsabiliza pela sua própria existência.

A ideia de que a criança/filho é um ser indefeso, necessitado de cuidados e atenção, aparecem, novamente, na última frase do verso, que coloca com todas as letras: “filho não nasce para sofrer!”. A análise da letra da música nos leva a pensar

que a criança entender sua situação “sofrida” e reconhece que não era isso que ele deveria ser, mas que subentende-se que ele deveria estar brincando, recebendo carinho e atenção. Esta ideia é reforçada ainda mais com o refrão:

Refrão

*O seu papel devia ser cuidar de mim,
Não me espancar, torturar, machucar, me bater
Eu não pedi pra nascer.*

No refrão, diferentemente do resto da música, os rappers utilizam outro item que visa sensibilizar o ouvinte, e então eles colocam um coro de crianças cantando, reforçando o apelo contra a infância da violência, da exploração e trabalho. Este trecho sustenta a ideia de culpabilização da mãe tanto pela vida e existência daquela criança, como também, pela situação que ele vive. A expressão “o seu papel” ressalta, mais uma vez, a ideia da mulher, também atrelada a uma herança burguesa.

Verso 4

*Minha goma é suja, louça sem lavar
seringa usada, camisinha em todo lugar
Cabelo despenteado, bafo de aguardente
é raro quando ela escova os dentes
Várias armas dos outros moqueadas no teto
na pia mosquitos, batatas disputam os restos
Cenário ideal pra chocar a UNICEF
habitat natural onde os assassinos crescem.*

O verso 4 trás três elementos importantes no que diz respeito à concepção de infância e para caracteriza-los destaque as expressões “A goma é suja”, “chocar a UNICEF” e “assassinos crescem”. A primeira expressão destacada, que é uma gíria bastante comum em São Paulo (goma-casa), demonstra um julgamento moral em

relação à falta de higiene. Além de transpor novamente as responsabilidades do lar para a mãe, há uma tentativa de menospreza-la a partir dos seus hábitos.

É importante lembrar que a higiene e todos os cuidados que a envolve, foram primordiais na Idade Média para que as taxas de mortalidade entre as crianças diminuíssem, mas, desde lá esses eram parte dos serviços destinados socialmente às mulheres. Logo, a ideia de destinar às mães a tarefa dos cuidados com a higiene e principalmente do lar, se reflete na letra aqui. No entanto, no verso 4, ele também mantém a crítica a sua mãe em relação aos seus hábitos particulares de higiene e cuidados próprios, intensificando este juízo propagado de que ela não é uma boa “mãe” para esta criança. E se ela não é capaz de cuidar dela mesma e da casa- que são “tarefas mínimas” para uma mãe, é impossível que ela seja uma mãe ideal.

Na canção o ideal e o real estão sempre em conflito direto, não somente no que diz respeito às concepções de infância, mas no ideário sobre mãe, mulher, casa, família, cuidados, hábitos e etc. Porém, todos eles aparecem aqui amparados por uma ideia sobreposta que ha muitos séculos permeiam a ideologia.

A segunda expressão destacada “chocar a UNICEF” parece ser novamente uma tentativa de sensibilizar quem ouve a música em relação às condições de vida desta criança. A UNICEF foi criada com o objetivo de defender as crianças e seus direitos, garantindo sua proteção. Nas épocas das grandes guerras mundiais, se destacou na proteção e socorro das crianças vítimas dessas guerras e de lá pra cá é conhecida internacionalmente por protegê-las. Entretanto, na canção, denuncia-se as condições de vida da criança e ainda evidencia que até a UNICEF- que salva

crianças em diversas situações cruéis, se chocaria com as condições em que esta criança é obrigada a viver. Além disso, a UNICEF também carrega consigo um ideal do que é a infância e como esta deve ser vivida, ressaltando, principalmente, as condições de vida das crianças, como estão sendo cuidadas e mantidas, bem como, se estão na escola, longe do trabalho, brincando e se desenvolvendo com plena saúde e cuidado. Esta é a ideia de infância negada a este menino e reivindicada por ele na música.

A terceira expressão “onde os assassinos crescem” o rapper mostra que além das condições degradantes que vive a criança no presente, o ambiente que o cerca, que o rapper chama de “habitat”, podem influenciar de maneira muito efetiva no futuro dessa criança, ou seja, o misto de falta de oportunidade e revolta podem levar esta criança à criminalidade.

Verso 5

*Eu não queria Playstation nem bicicleta,
só ouvir a palavra filho da boca dela.*

*Ouvir o grito da janela "a comida tá pronta"
não ser espancado pra ficar no farol a noite toda
Qualquer um ora pra deus pra pedir que ele ajude
dê dinheiro, felicidade, saúde*

*Eu oro pra pedir coragem e ódio em dobro
pra amarrar minha mãe na cama, por querosene e meter fogo.*

Já nas primeiras palavras do verso 5, podemos perceber que a infância falada na música esta ligada com as ideias de que a criança precisa viver em um ambiente saudável, tranquilo, prazeroso e precisa brincar, ter brinquedos e receber os cuidados necessários para se desenvolver. A primeira rima comprova isso e nos coloca um novo item, o fator que envolve os desejos infantis em relação ao

consumo. “Eu não queria Playstation nem bicicleta”, a letra insinua que o menino é uma criança diferente das outras, pois ele não tem os mesmos desejos que a maioria das crianças. A relação entre o consumo e a infância, fortalecidos no final do século XX, colocam os desejos das crianças em uma ligação direta com o consumo de brinquedos e neste trecho isso fica evidente, embora o menino da música negue este desejo, uma vez que, o que ele quer é o carinho e cuidado de sua mãe.

Fica evidente neste verso também, que o menino da música exige de sua mãe uma postura condizente com a representação social do que é ser mãe, e por outro lado se coloca como vítima da incapacidade desta em ser aquilo que ele imagina. No trecho “só ouvir a palavra filho da boca dela” é nítido que este menino deseja e precisa de afeto e carinho, mas lida com a sua mãe de maneira muito violenta e nada carinhosa.

As rimas que terminam o verso 5 nos remetem novamente a questão da diferenciação que ele busca fazer entre ele e as crianças “normais”, reforçando que devido as suas condições cruéis de vida, seus desejos, anseios, necessidades e pedidos à deus são diferentes dos demais. Ele não quer pedir dinheiro, felicidade e saúde e sim coragem para devolver à sua mãe o sofrimento que ela, em tese, o faz vivenciar.

Verso 6

*Outro dia a infância dominou meu coração
gastei o dinheiro que eu ganhei com álbum do timão
Queria ser criança normal que ninguém pune,
que pula amarelinha, joga bolinha de gude
Cansei de só olhar o parquinho ali perto
sentir inveja dos moleques fazendo castelo.*

O verso acima fundamenta a ideia defendida neste trabalho sobre o conflito entre o real e o ideal no discurso deste rap. A letra ressalta que o menino não é uma criança “normal”, “que pula amarelinha, joga bolinha de gude” ressaltando que o menino deveria estar brincando e não trabalhando, ou seja, o rapper mostra que a essência desta infância (as brincadeiras) esta sendo perdida, ele identifica isso e questiona. Para ele não há outra infância senão a da brincadeira, a do cuidado e afeto. Nesse contexto, o menino nega sua própria infância quando a compara com uma infância idealizada (da brincadeira e do cuidado).

No trecho “Outro dia a infância dominou meu coração” o rapper coloca o sentimento de infância, entendendo-a como algo que se vive e não somente como uma fase biológica da vida. Aqui, podemos perceber que a diversidade das concepções e sentimentos de infância não é reconhecida pelo rapper na canção.

Verso 7

*Foda-se se eu vou morrer por isso
obrigado meu deus por um dia de sorriso!
A noite as costas arderam no couro da cinta
tacou minha cabeça no chão, batia, batia
Me fez engolir figurinha por figurinha,
espetou meu corpo inteiro com uma faca de cozinha
Olhei pro teto, vi as armas no pacote
subi na mesa, catei logo a Glock
"Mãe, devia te matar, mas não sou igual você
em vez de me sujar com seu sangue, eu prefiro morrer"*

O sétimo e último verso da música é a síntese de todos os sentimentos envolvidos até aqui. O desejo do menino em ter uma infância tida como “normal”, brincando e vivenciando o cuidado, o carinho e afeto da família, em especial da mãe e o seu ódio ao se deparar com a realidade dura e cruel em que vive. E isso aparece

de modo a justificar a ação do menino em se rebelar, arrisca sua segurança para vivenciar aquilo que se considera como sendo a infância. E a violência foi, novamente, aquilo que sua mãe podia lhe oferecer. Mas aqui, pela primeira vez, ele tenta se diferenciar dela, pois até então ambos compartilhavam a violência um com o outro, e então ele pega uma das armas que ela guardava e se suicida.

Esta forte imagem que se forma com o término da música é mais um elemento que busca tocar e sensibilizar aquele que a ouve utilizando para isso uma concepção de infância que parece universal na contemporaneidade. A institucionalização da infância, formalizada a partir de diversos costumes e interesses que cercam as crianças, oficializou esta concepção por muitos meios, inclusive no legislativo. Os direitos da criança, por exemplo, reforçam esta concepção de infância e aspectos como o brincar são uma garantia legal delas, assim como o cuidado. No entanto, a realidade de grande parte das crianças do país, inclusive o menino da música, está distante disso.

3.2- “Fim de Semana no Parque” - Racionais Mc’s¹⁰

O Racionais Mc’s é tradicionalmente conhecido no rap por suas críticas sociais. O álbum chamado “Raio X do Brasil” nos situa dentro da intenção dos rappers em mostrar além daquilo que os olhos podem ver- e portanto fazendo um raio x- de um país repleto de contradições. Em “Fim de semana no Parque” além de tratarem sobre as diferenças sociais existentes na cidade de São Paulo, eles mostram o quanto escassos são os espaços de lazer e cultura para as pessoas que

¹⁰ Para os devidos fins do trabalho, dividimos a música em 8 versos para a análise, ressaltando neles aspectos mais relevantes à reflexão que este se propõe.

vivem na periferia e, sobretudo o quanto as desigualdades sociais se escondem em diversos meios, inclusive na relação da população com os espaços onde vivem. Em relação à infância, esta música nos mostra o quanto as condições materiais influenciam nas concepções em se estabelecem sobre o que é ser criança. Antes do primeiro verso, Mano Brown (vocalista e líder do grupo) a dedica a “Toda comunidade pobre da Zona Sul”:

Verso 1

*Chegou fim de semana todos querem diversão
Só alegria nós estamos no verão,
mês de Janeiro São Paulo Zona Sul
Todo mundo a vontade calor céu azul
Eu quero aproveitar o sol
Encontrar os camaradas prum basquetebol*

*Não pega nada
Estou à uma hora da minha quebrada
Logo mais, quero ver todos em paz*

As mensagens transmitidas no verso 1 demonstram aspectos iniciais de como vai se formar as diferentes concepções defendidas nesta canção. Dentre elas a ideia sobre o que representa o final de semana neste contexto espalha por toda a música inúmeras ideias e reprodução de ideologias que muito contribuem para os objetivos do trabalho. De início, o final de semana parece ser algo muito esperado e desejado, tendo em vista a longa jornada semanal de trabalho da maioria das pessoas que vivem em São Paulo. Este parece ser um espaço único onde se tem diversão e alegria, assim como diz a própria letra. As expressões “verão”, “calor”, “céu azul”, “sol” também contribuem para alimentar esta visão de que o final de semana é um espaço único de diversão, alegria e distração.

Aproveitar o dia é sinônimo de aproveitar o final de semana, sem nenhum compromisso com o trabalho, seja ele profissional, serviços de casa entre outros. A presença masculina, neste contexto, é predominante e isso parece excluir desta lógica as mulheres, que provavelmente “aproveitam” o final de semana de maneiras muito diferentes e com muito trabalho.

“Estou à uma hora da minha quebrada”, é uma frase que nos localiza não somente em relação a distância do parque à “quebrada”, mas também, mostra que lá não existem ambientes para a diversão e entretenimento daqueles que vivem por ali. As diferenças e desigualdades constatadas entre as favelas e os bairros ricos começam a ser apresentadas. A região da Zona Sul da cidade de São Paulo escancaram estas diferenças e desigualdades pois além de ter um dos bairros mais ricos da cidade, também tem uma das maiores favelas e esta contradição social é muito evidente.

Verso 2

*Um dois três carros na calçada
Feliz e agitada toda "playboyzada"
As garagens abertas eles lavam os carros
Desperdiçam a água, eles fazem a festa
Vários estilos vagabundas, motocicletas
Coroa rico boca aberta, isca predileta
De verde fluorescente queimada sorridente
A mesma vaca loura circulando como sempre
Roda a banca dos playboys do Guarujá
Muitos manos se esquecem mas na minha não cresce
sou assim e estou legal, até me leve a mal
malicioso e realista sou eu Mano Brown*

No verso 2 é possível perceber que para chegar ao parque eles devem passar por um local que revela esta desigualdade e o ódio sentido por eles,

diferentemente do ódio do menino da música do Facção Central, destina-se à “playboyzada” e tudo que as cercam. Eles mostram neste verso que além das condições materiais, os direitos entre as classes dos “playboys” e dos “manos da quebrada” também são diferentes, esses desperdiçam a água, tem motos, carros, mulheres, estão felizes e alegres. A relação entre estas classes parece, nas entrelinhas deste verso, demonstrar que as desigualdades sociais, além de todos os problemas decorrentes dela, ela também é motivo de revolta e ódio para aqueles que estão do lado menos favorecido e este ódio é o motivo que ajuda a justificar a violência desta em relação a aquela- “Coroa rico boca aberta, isca predileta”.

A presença da mulher aqui evidencia o aspecto mencionado acima da centralidade masculina na música e, além disso, neste verso, mostra que as mulheres dos “playboys” são estereotipadas, julgadas moralmente e taxadas de interesseiras e fúteis. “Rodar a banca dos playboys do Guarujá” exprimi, por exemplo, o julgamento moral em relação à sexualidade destas mulheres que se relacionam com muitos homens.

Verso 3

*Me dê 4 bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino A molecada lá da área como é que tá
Provelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
Gritando palavrão é o jeito deles
Eles não tem video-game às vezes nem televisão*

*Mas todos eles tem Doum, São Cosme e
São Damião A única proteção.*

A comparação apresentada no verso 3 entre as classes já mencionadas aqui, explicitam o grande incomodo existente entre as diferentes condições de uma classe e de outra. E este pode ser visto (ainda que não diretamente na música) tanto na relação dos “playboys com os manos da quebrada” quanto dos “manos da quebrada com os playboys”, ambos parecem não conseguir se misturar, ora por medo, ora por ódio, ora por revolta, ora por preconceito. Quando, no verso, é salientado o que tem o “playboy” em relação ao que tem os “manos” este incomodo é realçado, pois enquanto um lado está “eufórico” com seus “brinquedos eletrônicos” outros estão “jogando bola descalços”, brincando “do jeito que dá”. Estas expressões reforçam novamente a diferença entre as classes, destacando a desigualdade nas condições de vida e de brincadeira das crianças, o que demonstram, além disso, que na canção as condições materiais caracterizam a vivencia da infância, assim como as determinam.

“Brincam do jeito que dá”, “é o jeito deles”, ressaltam um fator inédito (tendo em vista ambas as músicas) no que diz respeito à concepção de infância, revelando que apesar das diferenças sociais a infância na favela existe e ainda que não se tenha brinquedos eletrônicos e nem mesmo o parque para diversão, eles correm, brincam e jogam bola contando com a proteção de “Doum, São Cosme e São Damião”¹¹. Nesse sentido, e diferentemente da “Eu não pedi pra nascer” que nega a existência da infância em decorrência das condições de vida que aquele menino

¹¹ Entidades conhecidas, principalmente nas religiões afro-brasileiras como a Umbanda Sagrada, por proteger as crianças.

vivia, em “Fim de semana no parque” estas condições são consideradas de outra forma, pois na realidade tratada pelos Racionais Mc’s as crianças crescem, brincam e se desenvolvem na favela de um jeito único e diferente de todos. Entretanto, apesar de reconhecer as diferentes situações da infância na favela, o anseio pelo consumo ainda está presente, assim como o ideário de que a criança precisa destes produtos para serem felizes.

Verso 4

*No último natal papai Noel escondeu um brinquedo Prateado,
brilhava no meio do mato
Um menininho de 10 anos achou o presente,
Era de ferro com 12 balas no pente
E fim de ano foi melhor pra muita gente
Eles também gostariam de ter bicicleta
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta
Gostam de ir ao parque e se divertir
ê que alguém os ensinasse a dirigir
Mas ele só querem paz e mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Sto. Antônio.*

Neste verso a infância permeada pelos cuidados e a presença familiar choca-se com a infância onde o presente de Natal é uma arma e não tem a bicicleta que gostariam e nem mesmo o passeio e “Cooper” com o pai no parque. Além do que, é importante ressaltar que mais uma vez a violência e a criminalidade aparecem como alternativa para os “manos da quebrada” e quando o “Papai Noel” (um dos personagens, ideologicamente, mais ligados ao consumo) oferece de presente uma arma a esta criança, eles parecem denunciar que para que eles tenham acesso aos brinquedos que desejam, precisam roubar. Convocar o personagem do “Papai Noel” neste contexto, reconhecido como o “bom velhinho” que presenteiam as crianças por merecimento, parece legitimar a desigualdade social e todos os problemas gerados

por ela e que estão presente na vida das crianças das favelas. Como se anunciassem que a criminalidade é aquilo que esta ao alcance destas crianças, e que é aquilo que merecem por pertencerem à classe pobre.

O refrão, que segue este último verso diz: *“Vamos passear no Parque- Deixa o menino brincar- Fim de Semana no parque- Vou rezar pra este menino”* com um trabalho exemplar do DJ que intercala a voz do Mano Brown (vocalista e líder dos Racionais Mc’s) e do Jorge Ben. O Racionais Mc’s, tradicionalmente em suas músicas, não apresentam refrãos muito longos, o que passou a ser uma característica do rap que produzem.

Verso 5

*Vou rezar pra esse domingo não chover
Olha só aquele clube que da hora.
Olha aquela quadra, olha aquele campo Olha,
Olha quanta gente
Tem sorveteria cinema piscina quente
Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina
Tem corrida de kart dá pra ver
é igualzinho o que eu ví ontem na TV,
Olha só aquele clube que da hora,
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Pro seu pai bem louco gritando dentro do bar
nem se lembra de ontem de onde o futuro
ele apenas sonha através do muro...*

A imagem que este verso desenha demonstra a diferença entre a criança rica e a criança pobre, e todos os elementos que compõe a desigualdade entre elas expressas pelo espanto destas crianças ao se depararem com o clube com todas as coisas que desejavam ter acesso, mas que eles só podem ver como “o pretinho vendo tudo do lado de fora”.

O verso 5 nos descreve a ânsia destas crianças ao observar o clube sentindo uma vontade enorme de brincar, de pular na piscina ou andar de Kart e que esta os fazem até esquecer de sua realidade por alguns instantes. Neste momento a criança descrita na canção parece negligenciar o jeito único de ser criança na favela, ressaltado nos primeiros versos, e o ódio entre as classes ressurgiu, demonstrando a revolta das crianças pobres em estar excluído do clube e de todos os seus atrativos- “Afoga essa vaca dentro da piscina”.

A presença da família enquanto espaço de afeto e cuidado é retomada neste verso na passagem “nem se lembra do dinheiro que tem que levar; Pro seu pai bem louco gritando dentro do bar” este trecho nos mostra novamente que as crianças da favela são convocadas a colaborar com o sustento da família e que suas famílias não se importam com as condições da infância que vivem e o cuidado e o afeto se perdem em meio de tantos problemas sociais em que eles se inserem.

Verso 6

*Milhares de casas amontoadas ruas de terra
esse é o morro a minha área me espera
gritaria na feira (vamos chegando !)
Pode crer eu gosto disso mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
é quase meio dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou bam bam bam e o que manda
O pessoal desde às 10 da manhã está no samba*

*Preste atenção no repique atenção no acorde (Como é que é Mano Brown ?)
Pode crer pela ordem*

O verso 6 trás um aspecto muito importante para a identidade dos “manos da quebrada” pois ressaltam que apesar de todas as contradições sociais presentes na cidade, toda desigualdade e injustiça social, a favela, o “morro”, a “quebrada” ainda é o lugar onde eles mais se identificam. “Calor humano”, “Na periferia a alegria é igual” “meus irmãos”, “meus amigos”, “a maioria por aqui se parece comigo” mostram o acolhimento que este ambiente disponibiliza a estas pessoas e como ali são felizes por ser quem são, ainda que reconheçam que são vítimas de um sistema que mantém a desigualdade como essência. No trecho “Eu também sou o bam bam bam e o que manda” faz relação com a comparação deste em relação aos “playboys”, ressaltando que apesar de se sentir menosprezado quando esta fora de sua comunidade, dentro dela ele é relevante e importante.

Verso 7

*A número número 1 em baixa-renda da cidade Comunidade Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro
Polícia a morte, polícia socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto
Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari
Pronúncia agradável
estrago inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso morro pra
matar e merda
Como se fosse hoje ainda me lembro
7 horas sábado 4 de Dezembro
Uma bala uma moto com 2 imbecis
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz
E indiretamente ainda faz,
mano Rogério esteja em paz
Vigiando lá de cima*

A molecada do Parque Regina

O verso 7 é contemplado por muitas críticas às condições de vida na “quebrada”, a violência que sofrem e tudo que a eles é negado. A dupla função da polícia, por exemplo, é demonstrada tendo em vista que esta mata em nome da paz nas favelas. A denúncia sobre a falta de estrutura e atrações nas favelas sustentam a ideia de abandono, de submundo e principalmente de injustiça. O grito destes rappers são para uma vida melhor, onde não precisa “descer o morro” para se divertir no parque e nem mesmo desejar o “clube dos playboys”, não há incentivo, nem cuidado só descaso.

Para as crianças de lá, o crime, as drogas, as armas, o álcool parecem o destino. E ressaltam que o contato com aquilo que a eles é de fácil acesso, é contribuir para o fim deles mesmos. Estes aspectos demonstram a lucidez dos rappers ao perceberem suas condições de vida e principalmente compreender o que motiva esta desigualdade.

Verso 8

*Tô cansado dessa porra
de toda essa bobagem
Alcolismo, vingança treta malandragem
Mãe angustiada filho problemático
Famílias destruídas
fins de semana trágicos
O sistema quer isso
a molecada tem que aprender
Fim de semana no Parque Ipê
"Pode crer Racionais Mc's e Negritude Junior juntos Vamos investir em nós mesmos
mantendo
distância das Drogas e do alcool. Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá,
Parque Ararí,
Váz de Lima Morro do Piolho e Vale das Virtudes e Pirajussara É isso aí mano*

Brown
(*é isso ai Netinho paz à todos*)"

No oitavo e último verso da música, a revolta e lamentação em relação à situação em que vivem os “manos da quebrada” mostram que o grupo é muito consciente sobre suas condições e todos os motivos que os mantêm sob essas condições. Além do que destacam que as crianças de lá devem aprender que o “sistema” é quem causa tudo isso e que, no entanto, elas não devem render-se as armadilhas que são colocados, como partir para a criminalidade e o vício. Ao final, a fala do grupo Negritude Jr em uma participação especial na música, reforça a ideia de que se manter longe das drogas e do álcool é um investimento no povo que eles fazem parte.

Mesmo apresentando uma crítica embasada em aspectos da diferença de classes e na desigualdade entre elas, “Fim de semana no parque” retoma ideias tradicionais sobre a infância mantendo o conflito entre o real e o ideal no que tange a este conceito, contraponto diversas vezes o que existe e o que deveria ser a vivência da infância. Conjuntamente, o grupo nos trás uma reflexão, tendo como protagonismo o povo pobre e que vive na favela, sobre estas desigualdades, ora reforçando a ideia da classe hegemônica, ora reivindicando aquilo que produziram enquanto resistência. Sobretudo, essencialmente, demonstrando o quão contraditório é a realidade daqueles que sobrevivem “do outro lado do muro”, tendo que assimilar toda ideologia imposta e ao mesmo tempo ir contra ela, a partir da compreensão que é ela que os mantém enquanto classe desfavorecida, subjugada e explorada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise sobre a história da concepção da infância, dentro do recorte deste trabalho, pude constatar que o conceito de infância não é estático, e que ele se forma a partir do meio sócio histórico no qual ela está colocada. Durante os séculos XVI e XVII, por exemplo, a criança era tida como um pequeno adulto, e era inserida neste universo logo que deixavam de se alimentar do leite materno ou de suas amas de leite. O alto índice de mortalidade infantil era um fator que influenciava para o desapego em relação à infância.

Já nos séculos seguintes, século XVIII e XIX, que foram marcados pela Revolução Francesa e o ideal burguês que reconfigurou a sociedade e sua estrutura, a criança se tornou o centro da família, passível de cuidados, proteção e investimento. Com a Revolução Industrial, a divisão entre as classes e as relações de trabalho transformadas pela inserção das máquinas na indústria, foram aspectos que propiciaram um embate entre o ideal e o real em relação à concepção da infância e com isso muitas contradições a cerca da temática.

Na contemporaneidade isso se mantém de maneira ainda mais naturalizada e inclusive com respaldo legal, e a criança é tida como um cidadão de direitos e que merece atenção em diversos aspectos. Com isso também, é identificada dentro do mercado consumidor, e os preceitos que embasam o neoliberalismo as envolvem e transformam novamente a concepção de infância.

Relacionando os pontos tratados no trabalho e as contribuições que as letras analisadas trouxeram, vi que a infância, tida aqui como um conceito constituído a partir da realidade social e histórica, é tratada nas canções “Eu não pedi pra nascer”

e “Fim de semana no parque” de duas formas, e que estas se confrontam em perspectivas que se contradizem na realidade.

Em “Eu não pedi pra nascer”, o menino apresentado pelos rappers vivencia inúmeras situações de violência e exploração, chegando a considerar que sua infância não existe, tendo em vista as condições em que vive. O misto entre a realidade e o ideário sobre a infância dentro da canção, cria uma infância idealizada e uma relação idealizada entre mãe e filho, a partir de noções como carinho, cuidado e a proteção, e a partir da identidade deste enquanto criança, tendo a liberdade de correr, brincar e se divertir.

Esses aspectos são resultado de como se configurou a própria história da concepção de infância, pois esta foi estabelecendo parâmetros e conceitos que delimitam o sentimento da infância. Conforme já dito, estes elementos surgiram a partir no século XVII quando a criança foi reconhecida socialmente. Na canção citada no parágrafo anterior, o rapper nos mostra que há, para o menino, um ideal do que é ser criança e este não se assemelha em nada com a realidade em que vive. Nessa comparação, o menino chega a negar sua própria infância como se ela não existisse fora deste ideal.

Assim, o ideário em relação à infância se choca com uma realidade muito dura e sofrida e que pouco encaixa com aquilo que se diz ser infância. Sendo assim, a letra parece reproduzir uma concepção de infância que esta distante daquilo que as crianças da periferia podem viver enquanto criança e isso negligencia novas formas de vivenciar e sentir a infância. Além disso, a questão da desigualdade social e

diferença entre as classes, parecem contribuir para apagar ainda mais esta infância pobre e explorada.

Já em “Fim de semana no parque”, os rappers mostram que as crianças retratadas na música, apesar de vivenciarem também momentos difíceis e complexos, reflexos das desigualdades sociais e de todas as contradições existentes em uma cidade que contempla realidades muito diversas, essas crianças parecem viver a infância de outro modo, ainda que elas não tenham o clube e nem mesmo espaços de cultura e lazer. A infância na letra dos Racionais Mc’s não deixa de existir, mesmo que não se tenha as condições ideais.

Portanto, em ambas as canções, podemos apontar dois modos diferentes de conceber a infância: um deles parece mostrar que a infância não existe se não estiver dentro das expectativas que se formam em torno dela, como é o caso do rap do Facção Central e por outro lado, um que vê que as condições da vivência desta infância mudam o seu modo de ser vivida e sentida, mas que não por isso ela deixa de existir, como é o caso do rap do Racionais Mc’s.

Contudo, é importante lembrar que o embate entre a infância real e a infância ideal, dadas na realidade descrita pelos rappers em suas músicas, tem como base as diferenças e desigualdades sociais, que de diversas maneiras interferem na maneira de ver e sentir a infância, principalmente para as classes menos favorecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIES, Philippe. **Historia social da criança e da familia**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1981. 279 p.

ASSIS, Mariana Santos de; ROJO, Roxane Helena R. **Dando voz ao povo? A manipulação da mídia no raa paulistano**. Campinas, SP, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BONADIA, Vanessa Cristina; JACOMELI, Mara Regina Martins. **A construção histórica da concepção de infância**. Campinas, SP, 2006.

FERREIRA, Tania Maria Ximenes. **Hip hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas**. 2005. 101p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro, RJ: Graphia, 1999. 190 p.

SILVA, Adriano Bueno da. **Palavra de Mano: Luta de classe e tensão racial na palavra dos manos: uma análise sócio-histórica da formação do Rap como gênero do discurso** - São Paulo, SP: Página 13, 2012, 142p.

STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. 212p.

ANEXO 1

Eu não Pedi pra Nascer - Facção Central

(“Diretamente do campo de extermínio” - 2003)

Minha mão pequena bate no vidro do carro
no braço se destacam as queimaduras de cigarro
A chuva forte ensopa a camisa, o short
qualquer dia a pneumonia me faz tossir até a morte
Uma moeda, um passe me livram do inferno
me faz chegar em casa e não apanhar de fio de ferro
O meu playground não tem balança, escorregador
só mãe vadia perguntando quanto você ganhou
Jogando na cara que tentou me abortar
que tomou umas cinco injeções pra me tirar
Quando era neném tentou me vender uma pá de vez
quase fui criado por um casal inglês
Olho roxo, escoriação. Porra, o que foi que eu fiz?
pra em vez de tá brincando tá colecionando cicatriz
Por que não pensou antes de abrir as pernas?
Filho não nasce pra sofrer, não pede pra vir pra Terra

O seu papel devia ser cuidar de mim,
Não me espancar, torturar, machucar, me bater
Eu não pedi pra nascer

Minha goma é suja, louça sem lavar
seringa usada, camisinha em todo lugar
Cabelo despenteado, bafo de aguardente
é raro quando ela escova os dentes
Várias armas dos outros moqueadas no teto
na pia mosquitos, batatas disputam os restos
Cenário ideal pra chocar a UNICEF
habitat natural onde os assassinos crescem
Eu não queria Playstation nem bicicleta,
só ouvir a palavra filho da boca dela
Ouvir o grito da janela "a comida tá pronta"
não ser espancado pra ficar no farol a noite toda
Qualquer um ora pra deus pra pedir que ele ajude
dê dinheiro, felicidade, saúde
Eu oro pra pedir coragem e ódio em dobro
pra amarrar minha mãe na cama, por querosene e meter fogo

O seu papel devia ser cuidar de mim,
Não me espancar, torturar, machucar, me bater
Eu não pedi pra nascer

Outro dia a infância dominou meu coração
gastei o dinheiro que eu ganhei com álbum do timão
Queria ser criança normal que ninguém pune,
que pula amarelinha, joga bolinha de gude

Cansei de só olhar o parquinho ali perto,
sentir inveja dos moleques fazendo castelo

Foda-se se eu vou morrer por isso
obrigado meu deus por um dia de sorriso!

A noite as costas arderam no couro da cinta
tacou minha cabeça no chão, batia, batia

Me fez engolir figurinha por figurinha,
espetou meu corpo inteiro com uma faca de cozinha

Olhei pro teto, vi as armas no pacote
subi na mesa, catei logo a Glock

"Mãe, devia te matar, mas não sou igual você
em vez de me sujar com seu sangue, eu prefiro morrer"

ANEXO 2

Fim de Semana no Parque - Racionais MC's

("Raio X do Brasil" - 1993)

"1993, fudidamente voltando, Racionais

Usando e abusando da nossa liberdade de expressão

Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país

Você está entrando no mundo da informação, auto-conhecimento, denúncia e
diversão

Esse é o Raio X do Brasil, seja bem vindo"

"À toda comunidade pobre da zona sul"

Chegou fim de semana todos querem diversão

Só alegria nós estamos no verão, mês de janeiro

São paulo, zona sul

Todo mundo à vontade, calor céu azul

Eu quero aproveitar o sol

Encontrar os camaradas prum basquetebol

Não pega nada

Estou à 1 hora da minha quebrada

Logo mais, quero ver todos em paz

Um, dois, três carros na calçada

Feliz e agitada toda "prayboyzada"

As garagens abertas eles lavam os carros

Disperdiçam a água, eles fazem a festa
Vários estilos vagabundas, motocicletas
Coroa rico boca aberta, isca predileta

De verde fluorescente queimada sorridente
A mesma vaca loura circulando como sempre
Roda a banca dos playboys do Guarujá
Muitos manos se esquecem na minha não cresce
Sou assim e tô legal, até me leve a mal
Malicioso e realista sou eu Mano Brown

Me dê 4 bons motivos pra não ser
Olha o meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e um tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá

Gritando palavrão é o jeito deles
Eles não têm videogame e às vezes nem televisão

Mas todos eles têm um dom São Cosme e São Damião

A única proteção

No último natal papai noel escondeu um brinquedo

Prateado, brilhava no meio do mato

Um menininho de 10 anos achou o presente

Era de ferro com 12 balas no pente

O fim de ano foi melhor pra muita gente

Eles também gostariam de ter bicicletas

De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta

Gostam de ir ao parque e se divertir

E que alguém os ensinasse a dirigir

Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho

Fim de semana no Parque Santo Antônio

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Olha só aquele clube que dahora

Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha

Olha quanta gente

Tem sorveteria, cinema, piscina quente

Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina
Tem corrida de kart dá pra ver
É igualzinho o que eu ví ontem na TV

Olha só aquele clube que dá hora,
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro
Ele apenas sonha através do muro...

Milhares de casas amontoadas
Ruas de terra esse é o morro, a minha área me espera
Gritaria na feira (vamos chegando!)
Pode crer eu gosto disso mais calor humano

Na periferia a alegria é igual
É quase meio dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou o bam, bam, bam e o que manda
O pessoal desde às 10 da manhã está no samba
Preste atenção no repique e atenção no acorde
(Como é que é Mano Brown?)
Pode crer pela ordem

A número, número 1 em baixa renda da cidade
Comunidade zona sul é, dignidade
Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro
Polícia a morte, polícia socorro

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100, 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto

Schmith, Taurus, Rossi, Dreher ou Campari
Pronúncia agradável, estrago inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar m.e.r.d.a.

Como se fosse ontem ainda me lembro
7 horas sábado 4 de dezembro
Uma bala uma moto com 2 imbecis
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz
E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz
Vigiando lá de cima
A molecada do Parque Regina

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Tô cansado dessa porra de toda essa bobagem

Alcoolismo, vingança, treta, malandragem

Mãe angustiada, filho problemático

Famílias destruídas, fins de semana trágicos

O sistema quer isso, a molecada tem que aprender

Fim de semana no Parque Ipê

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

"Pode crer Racionais MC's e Negritude Júnior juntos

Vamos investir em nós mesmos, mantendo distância das
drogas e do alcool"

"Aí rapaziada do Parque Ipê, Jardim São Luiz, Jardim Ingá, Parque Arariba, Vaz de
Lima

Morro do Piolho, Vale das Virtudes e Pirajussara"

É isso aí Mano Brown (é isso ai Netinho, paz à todos)"